

## Contar para sobreviver

**D**orothée Munyaneza, artista de origem ruandesa, é uma daquelas criadoras que por vezes irrompem com a força de um meteorito na cena contemporânea. As suas propostas artísticas rasgam horizontes e derrubam fronteiras.

*Malhas*, o trabalho mais recente do seu agrupamento, a Compagnie Kadidi, é um espectáculo desse género. Explica Munyaneza: "Durante muito tempo quis contar a minha história, a história do meu povo. E quanto mais encontrava outros artistas vindos de outros lados, mais ficava curiosa e surpreendida com as suas próprias histórias, que de uma maneira ou de outra estavam ligadas à minha história enquanto ser humano. A partir daí deixei de poder falar de mim sem falar delas. Elas são de Bristol, Porto do Príncipe, Sevilha, Berlim ou Roterdão".

Há um conjunto de sinos que iniciam e fecham *Malhas*, como que a alertar-nos para os obstáculos que as seis mulheres em cena tiveram de enfrentar nas suas vidas. A dada altura alguém entoia: "Onde

está a mão que me levante?". Vieram até nós para nos inebriar com os seus relatos.

Dorothée Munyaneza convocou para o palco mesmo os pequenos detalhes: "As histórias delas agarram-me, por vezes, a partir de uma melodia, uma baga, uma canção, uma jóia, uma foto, uma pétala, uma cor, uma refeição, uma frase, uma gargalhada, um grito. Os contextos determinam-nos, mas a intimidade ultrapassa-nos. Desejo abordar a nossa intimidade através do íntimo". São Penélopes, com pouca paciência, e que não esperam o regresso do amante. Em palco há canto, música, poesia e flamenco, que dão suporte às histórias que lidam com a violência, a exclusão e a opressão, e que se entrelaçam num canto colectivo. Conclui a criadora de *Malhas*: "A resiliência como arma de resistência acompanha-nos e constitui a nossa força, o desejo de celebrá-la, partilhá-la".

A coreógrafa Dorothée Munyaneza nasceu no Ruanda, cresceu em Inglaterra e vive em França.



Munyaneza conversará na Esplanada com o público do Festival na próxima Quarta-feira

## Noite de Homenagens

**N**as palavras de Rodrigo Francisco, ontem homenageou-se alguém "Bastante próximo da Companhia". Desde 1986, quando cenografou *Menina Júlia* de Strindberg, que a relação da CTA com José Manuel Castanheira (JMC) se aprofundou em vinte e duas criações cenográficas.

Helena Simões, crítica teatral, definiu a obra de JMC como "uma dança silenciosa da intimidade das coisas com o Mundo. Feita de poesia, beleza e audácia".

Fernando Paulouro, jornalista e escritor, com origens na Beira Baixa, como JMC, elogiou a capacidade do arquitecto de "inventar mundos a partir do chão dos pal-

cos e de criar as suas próprias nuvens num fundo de céu azul de luzes e sombras em mares de água e de vidro. Um mundo com gente dentro".

Inês de Medeiros, presidente da Câmara Municipal de Almada, saudou "o intelectual empenhado, algo raro. Em cada obra, há um passo para olhar o Mundo. Onde nos vemos, nos construímos, nos descobrimos".

O actor Diogo Dória leu um poema inédito de JMC "O tempo que passa sem parar" e José Manuel Castanheira, emocionado, encerrou a sessão lembrando "que o cenógrafo é uma espécie de operário da geografia, que constrói lugares



José M. Castanheira e Ángel Ruiz receberam os Quixotes concebidos por Jorge dos Reis



a fingir. O actor finge que o habita e o espectador finge que acredita no que vê. É a magia do teatro, que, é bom não nos esquecermos, começa no silêncio de um palco".

A noite terminou com o regresso festivo ao Festival de *Miguel de Molina a nu*, protagonizado pelo actor Ángel Ruiz: o Espectáculo de Honra de 2022.

# Bem-vindos ao Salão de Festas

Quando este ano durante o Festival for à Incrível Almadense, olhe em redor. O Salão de Festas é o coração de uma das colectividades mais antigas do país. A Sociedade Filarmónica Incrível Almadense foi fundada a 1 de Outubro de 1848 e, como o nome indica, tinha como objectivo ter na vila de Almada uma banda filarmónica. Até hoje, a música está como sempre no centro das actividades da colectividade. Os primeiros músicos eram entre outros operários especializados, tanoeiros e corticeiros.

O Salão de Festas foi inaugurado no início do século XX, tendo os bailes para toda a família, com bandas ao vivo, marcado de forma indelével a vida social da cidade. Já no final do século passado actuaram e consolidaram a sua carreira neste espaço bandas marcantes do *rock* e do *heavy metal* português, como os Xutos & Pontapés, os UHF, os Moonspel ou os Roquívários.

Em 1944 é inaugurado o actual edifício do Cine Incrível, que durante décadas funcionou como cinema, com sessões diárias. Actualmente este espaço acolhe com

regularidade vários projectos musicais da cidade, sendo para muitos agrupamentos o palco onde se estreiam ao vivo. Para além da música existem, entre outras actividades, um grupo cénico com apresentações regulares, aulas de dança e ginástica, e uma sala de convívio, por onde os sócios passam amiúde.

Em reconhecimento do seu trabalho ao serviço da comunidade a Incrível recebeu durante a Presidência de Jorge Sampaio o Grau de Membro Honorário da Ordem da Liberdade.

## Jorge Silva na Esplanada

Amanhã o encenador Jorge Silva estará à conversa com a professora e crítica de teatro Eugénia Vasques. A conversa versará sobre o espectáculo *Em casa, no zoo* de Edward Albee. Sobre esta produção a crítica teatral Janine Bailly da Martinica, presente no Festival escreveu: "Esta peça é um microcosmos da sociedade, um momento forte de teatro, com três tremendos intérpretes. Actores e personagens confundem-se, presentindo o seu fim trágico. Vibrei e tremi".

### MEU FESTIVAL

## Energia vital

Quando me pediram para escrever algumas linhas sobre um espectáculo do Festival que me tivesse impressionado particularmente, o nome que me veio logo à cabeça foi *As irmãs Macaluso*, com texto e encenação de Emma Dante. Revolvendo as minhas memórias, investidas de inegável carga emocional, recordei, sobretudo, a energia vital do espectáculo: sete irmãs sicilianas que se debatem num mundo hostil de pobreza e violência. Pobreza assumida no palco, praticamente

despojado de cenários e adereços. Violência que habita os corpos das actrizes/personagens e as suas vozes. Mortes recalcadas que insistem em determinar o destino de quem vive. Mas, paradoxalmente, ou talvez não, era aí precisamente que nascia a afirmação de um intenso desejo de viver.

Lembro-me, ainda, da força áspere, telúrica, do dialecto siciliano em que se exprimem as actrizes de *As irmãs Macaluso*. Como se fosse um duelo de espadas ou o escourear de cavalos, também evocados pela voz de um único marionetista nesse outro espectáculo que é um verdadeiro 'emblema' de Palermo: os 'pupi'. | **Maria Antónia Amarante, 74 anos, tradutora**



*As irmãs Macaluso no Palco Grande*

© Carmine Maringola

## O FESTIVAL VISTO DE FORA Todas as idades, gostos e países

Na nossa vida, nunca conseguimos saber onde se esconde a sorte nem os lugares onde podemos encontrar a felicidade. Ter vindo este ano, pela primeira vez, ao Festival, foi para mim uma sorte, e parto feliz de ter podido desfrutar do teatro, das exposições, da música, do convívio com os colegas e com a sensação de ter descoberto um verdadeiro tesouro.

O Festival que nasceu um ano antes de mim, vive o seu melhor momento. Com experiência mas

com vontade de continuar a avançar. Em Almada o teatro é uma festa no sentido literal. Gente de todas as idades, gostos, países reúne-se durante quinze dias em redor do Teatro Municipal Joaquim Benite para comer, dançar, conversar e desfrutar de espectáculos que dificilmente podem ser vistos noutra lugar.

Ver teatro com propostas originais e inovadoras frente a uma plateia a transbordar, fez-me suspeitar que durante muitos anos, perdi algo muito importante.

Voltarei ao azul deste teatro, sempre que quiser ter a certeza de ser feliz. Esta foi a primeira das muitas visitas que espero um dia recordar como "Aquele primeiro Julho em Almada". | **Saúl Ribas, jornalista da revista galega Táboas**

## É tempo delas

A noite de homenagem de ontem teve um travo adocicado: "As cerejas também quiseram homenagear o Arquitecto José Manuel Castanheira", lia-se nos panfletos afixados no Restaurante. A Câmara Municipal do Fundão brindou o público com uma sobremesa de origem demarcada. Castanheira concebeu o Teatro Municipal que em breve será inaugurado nesta cidade do Norte do País, e o seu gosto pelo fruto que brota como as palavras é notório: em Maio de 2016 publicou *O tempo das cerejas - manual de sobrevivência de um cenógrafo*.

## AGENDA DE AMANHÃ

15:00 | O sentido dos mestres  
**José Manuel Castanheira**  
Casa da Cerca

18:00 | Colóquio  
**Jorge Silva**  
Escola D. António da Costa

18:30 | Teatro  
**A coragem da minha mãe**  
Incrível Almadense

20:30 | Música  
**Lucibela**  
Escola D. António da Costa

22:00 | Teatro  
**Mailles**  
Escola D. António da Costa

## RESTAURANTE DA ESPLANADA

### HOJE

Frango com maçã reineta  
Caril de lulas com banana

### AMANHÃ

Tomates recheados  
Choco frito com salada russa

APLICAÇÃO  
DO FESTIVAL  
DE ALMADA

